

É muito gratificante ter nova oportunidade de dizer bem de Eduardo Lourenço.

No plano literário, da criação e da crítica, sabe-se de como manejou com as artes da estética e com a régua e o compasso da ética, toda uma obra consagrada.

Não insistiria nesse aspecto, por mais que me seduza o desejo, necessariamente brechado, de louvar *PESSOA REVISITADO*, livro reconhecido como assertivo ou *SAIAS DE ELVIRA*, tão portuguesa e ecianamente cosmopolitizado. Nem deixo de lado a vontade de acompanhá-lo na visão clássica de um Portugal a quase só olhar para o umbigo em *O LABIRINTO DA SAUDADE*.

Quero mais é dizer de como Eduardo Lourenço é moderno sem ser modernoso. Moderno por ser um homem situado. Um contemporâneo que lê jornais, que vê televisão, que distingue os tipos de governantes, que interpreta fielmente díspares dos tipos de Cunhal e Salazar. Eduardo Lourenço tem lucidez na interpretação dos fatos políticos de hoje, imbricados pelas forças de transformação da ordem econômico-financeira. E científicas, também. Sem excluir avaliações com gosto de futurologia, que exhibe sem exibicionismo, atento, por exemplo, à presença crescente da internet.

Certa vez, li em Eduardo Lourenço uma citação de Pascoaes: “*O futuro é a aurora do passado*”. Pronto, está aí o seu retrato canônico, ou seja, é um homem do tempo tribio, muito natural em quem sempre atentou para a força da História.

Recife, outubro, 2008

— MARCOS VINÍCIOS VILAÇA, das Academias  
Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa